



Need

Carrie Jones

Fobofobia

medo de fobias

Todo mundo tem seus medos, certo?

Sou muito ligada nessas coisas.

Coleciono medos como outros colecionam selos, e isso faz com que eu pareça mais estranha do que na verdade sou. Essa é a minha praia. Esse lance dos medos. Fobias.

Tem as fobias típicas, comuns. Muita gente tem medo de altura e de elevadores e de aranhas. Isso não tem graça. Sou louca mesmo é pelas fobias legítimas. Coisas como nelofobia, medo de vidro. Ou araquibutirofobia, medo de que a pasta de amendoim vá ficar grudada no céu da boca.

Não tenho medo da pasta de amendoim em si, é lógico, mas que nome legal teria tal fobia?

Quando se dá nome às coisas, fica muito mais fácil entendê-las. É o desconhecido que me causa mais pavor.

Não sei o nome desse medo, mas sei que esse eu tenho – o medo do desconhecido.

Mnemofobia

medo de recordações

Aviões são um saco porque a gente fica presa nele, olhando pra fora, pro céu, o que acaba fazendo com que se pense nas coisas... coisas em que se poderia não querer pensar, se não fosse por estar presa ali – é disso que estou falando.

Mnemofobia é um medo real. Não o inventei. Juro que não. Você pode sim ter medo das lembranças. Não temos um botãozinho que podemos desligar facilmente nosso cérebro. Seria bem legal, legal mesmo, se tal botão existisse.

Então eu faço pressão nas minhas pálpebras com os dedos, tentando assim impedir que eu me lembre das coisas. Concentro-me no presente, no agora. É isso que as pessoas nos programas de entrevistas na TV sempre nos mandam fazer: viver o momento.

Enrolei um fio branco no meu dedo quando meu pai morreu. Continuo com ele ali pra me lembrar de que havia uma época em que eu sentia as coisas, que eu tinha um pai, uma vida. Está torcido, então o nó encosta no meu dedinho. Mexo nele um pouco no exato momento em que o cara do meu lado cruza as pernas e esbarra na minha coxa com seu sapato monstruosamente enorme.

“Me desculpe”, diz ele.

“Tudo bem.” Meus dedos tomam a decisão por mim de colocar de lado todos os meus papéis das Ações Urgentes da Anistia Internacional – que estão implorando pra que eu escreva mais cartas em nome de monges torturados e alunos desaparecidos.

“Não se ofenda, mas você está bem? Está meio que parecendo um zumbi.”

Viro a cabeça e olho para ele. O cara tem um nariz de batata, queixo duplo, e um ar de caucasiano executivo. Minha boca se mexe e solta um “O quê?”

Ele sorri. É como se o cheiro de café vazasse da boca do homem. “Durante toda a viagem você parecia uma autômata; escrevendo essas cartas, tentando salvar o mundo, mas você, você parece um zumbi.”

Algo dentro de mim se sente provocado. “Meu pai morreu faz muito pouco tempo. Meu padrasto, pra falar a verdade. Mas o chamo de pai. Ele era meu pai. Foi ele quem me criou.”

Depois dessa, ele não está mais sorrindo, aquele sorriso cordial típico dos homens brancos do sul do país. “Ah. Sinto muito.”

Eu me sinto mal por ele ter ficado sem graça. “Tudo bem. Eu só...”

Não existe palavra para me descrever. Morta por dentro. Zumbizesca? Zumbificada?

Ele insiste em falar comigo. “Então, você vai voltar para a escola ou algo do gênero? Vai estudar em Maine?”

Respondo que não, balançando a cabeça. Mas nem tem como explicar tudo pra ele. Não consigo explicar tudo nem pra mim mesma. Minha mãe me mandou vir pra cá porque, durante quatro meses, não consegui soltar nem ao menos um sorriso. Nesses quatro meses, não conseguia chorar, nem sentir, não conseguia fazer nada.

“Vou ficar com a minha avó”, consigo dizer, por fim.

Ele demonstra ter entendido a situação com um movimento de cabeça. Então ele tosse e diz: “Ah, que bom. Mas é uma época ruim do ano em Maine. Um frio de rachar.”

Minha avó, oficialmente, minha “avodrasta” (a mãe do meu padrasto), vai me pegar no Aeroporto de Bangor, no Maine, que é, provavelmente, o menor aeroporto com a maior pista de pouso e decolagem que existe no mundo. Nosso avião aterrissa e o que vejo é um céu sem sol, o que faz todo o sentido. A gente sabe que as coisas não vão ser boas quando até mesmo o céu está cinza e frio.

Olho para a minha parka, mas não a visto. Seria desistir cedo demais.

É final de outubro, certo? Estamos no meio do outono?

O quão ruim pode ser?

Ruim!

O ar frio entra com tudo, tão logo a comissária de bordo abre a porta do avião. Eu tremo.

“Totó¹, não estamos mais nos trópicos”, diz o cara do meu lado. Ele puxa uma parka de sua bolsa de mão. O cara é bem mais esperto do que eu imaginava. Meu pai costumava dizer que devemos esperar o melhor das pessoas.

As pessoas dizem que o coração do meu pai o atacou, mas a verdade é que aquele coração falhou com ele. Decidiu não bater mais, não mais fazer com que o precioso sangue circulasse em suas veias. Parou e o desapontou.

Ele morreu no chão da nossa cozinha, ao lado de uma garrafa de água que derrubei. Isso não parece real, mas é a verdade.

De qualquer forma, tropeço nas escadas quando estou saindo do avião em direção à pista. O homem que está atrás de mim (também conhecido como meu colega de poltrona) me segura pelo braço.

“É difícil salvar o mundo quando você não consegue nem se salvar”, é o comentário que ele faz, todo espertalhão.

Tropeço um pouco mais e começo a sentir um nó se formando no meu estômago.

“O quê?”, pergunto, mesmo tendo entendido o que ele disse, só não consigo acreditar que tenha dito aquilo. É algo tão cruel. Ele não repete o que falou.

Sinto uma rajada de vento que faz com que meu cabelo bata com tudo na minha bochecha. Eu abaixo a cabeça, me curvando um pouco, como se isso fosse mesmo me proteger do vento.

¹ Totó é o nome do cachorrinho de Dorothy Galé, a heroína de “O Mágico de Oz”. O homem chama Zara de Totó por ela não falar (quase) nada durante a viagem. No primeiro dos livros, Totó não falava nunca, nada, embora os outros animais, nativos de Oz, falassem. Nos outros livros, os animais adquiriram a capacidade de falar, ao chegar em Oz ou em outras terras similares, mas Totó continuava sem falar.

“Vão amar Maine”, diz a comissária de bordo, ao pé da escada.

Ela não está sorrindo.

Agorinha, nesse exato momento, tenho medo de não poder fazer nada enquanto vejo meu pai morrer, caído no chão de nossa cozinha, de um ataque do coração.

Mas isso já aconteceu, certo?

Então, parto para o meu segundo maior medo, o medo do frio. Cheimafobia é um dos nomes desse medo, além de cheimatofobia ou frigofobia, ou ainda, psicofobia. Tem vários nomes pra esse daí.

Não estou acostumada com o frio. Mas vou me acostumar, em breve. A gente tem que encarar nossos medos. É isso que meu pai sempre dizia. Simplesmente temos que encarar esses medos.

Sendo assim, enfrento-os. Entoo cânticos com os nomes deles. A cada passo que dou na escorregadia pista do aeroporto, enquanto me dirijo ao terminal, sussurro um outro nome.

Cheimatofobia.

Frigofobia .

Psicofobia.

Cheimafobia.

Por que dar nomes aos medos não faz com que as coisas fiquem melhor?

Minha avó, Betty, está me esperando no terminal. No momento em que ela me vê, vem caminhando a passos largos, como se fosse um lenhador, e me envolve em um grande abraço com aqueles braços compridos que ela tem. Ela tem o físico muito semelhante ao do meu pai, e meio que me apoio nela, feliz de estar com alguém, mas, ao mesmo tempo, desejando que ela fosse ele.

“Bem, como é bom ver você! A viagem não foi boa?”, ela me pergunta, e depois me leva até o estacionamento e subimos em sua imensa caminhonete preta. Ela pega minha mala e minha mochila e coloca na parte de trás da caminhonete. Já tínhamos enviado o resto das minhas coisas de Charleston, não que todas aquelas camisetas e vestidinhos de verão vão servir pra alguma coisa ali no Maine. Ela volta lá de trás e sorri pra mim enquanto meio que travo uma luta com aquele monstro para entrar ali na cabine.

“Isso aqui é um monstro, Betty”, eu digo, me arrastando para dentro. Começo a tremer. Não consigo evitar. Parece que todos os meus ossos estão quebrados por causa do frio. “Sua caminhonete é colossal!”

Ela dá um tapinha no painel e dá risada. “O melhor mesmo é arrastar o traseiro pra entrar.”

“Arrastar o traseiro?”

“Você quer que eu fale bunda? Não quero ferir seus sentimentos delicados.”

Sentimentos delicados? Eu quase dou risada, mas acabo não conseguindo. “É nova?”

“É. Sua mãe foi com você ao aeroporto?”, ela quer saber.

“Ela chorou.” Passo o dedo por aquela bordinha onde a janela se encontra com a porta, e fico com o dedo ali, parado. “Me senti um lixo quando ela chorou.”

Atrevo-me a olhar pra cima, nos olhos dela. São castanho-claros, meio cor de âmbar, que nem os do meu pai. Inclinados nos cantinhos, perto de suas têmporas, curvam-se então para cima, bem pouquinho mesmo. A expressão neles vai ficando mais suavizada, enquanto fico ali, com os meus próprios olhos grudados nos dela. Já que não conheço meu pai biológico, a Vovó Betty é a única avó que eu tenho. Os pais da minha mãe morreram quando ela era adolescente. Na verdade, ela morou aqui com Betty e o marido dela, Ben, além do meu pai, enquanto terminava a escola secundária. Betty foi incrível, simplesmente acolhendo minha mãe, assim, que nem está fazendo comigo.

Betty mexe a cabeça, como se estivesse afirmando algo, e liga o carro. "Imaginei que faria isso. É difícil pra ela se separar de você."

"Então, talvez ela não devesse ter se livrado de mim."

"É isso que você acha que ela está fazendo? "

Mexo os ombros, em sinal de desdém, e coloco as mãos de volta no meu colo.

"Ela só está tentando fazer com que você fique..."

"O quê? Mentalmente sã?" Dou risada, mas o som sai duro e amargo, como se não fosse algo que viria da minha pessoa. Meio que ecoa no meu peito. "Ela está me enxotando pra terra onde o crescimento populacional é nulo, e isso é pra me manter mentalmente equilibrada?"

"Sinto um pouco de amargura em você, não, meu amor?"

"É. Eu sei. Me desculpa."

Betty sorri. "Amargura é melhor do que nada. Pelo que sua mãe dizia, você andava muitíssimo deprimida, nada parecida com seu jeito normalmente teimoso, o eu que deseja salvar o mundo."

"Ele morreu, Betty."

"Eu sei, docinho. Mas o desejo dele seria de que continuássemos com nossas vidas. Meu Deus, que clichê! Mas é verdade."

Em se tratando de avós, Betty é bem legal. Antigamente ela dirigia uma empresa de seguros de vida, mas meu avô acabou morrendo e ela se aposentou. Ela não tinha mais muita coisa pra fazer além de jogar golfe ou pescar, então decidiu começar novas empreitadas.

"Eu mesma vou ficar melhor, e depois, a comunidade", foi o que ela disse a meu pai. Então começou a correr, e treinou até poder competir na Maratona de Boston, com sessenta e cinco anos de idade! Com essa meta atingida, virou faixa preta. Depois disso, decidiu tornar-se paramédica. Então, é isso que ela faz hoje em dia. É a chefe

dos paramédicos da Downeast Ambulance, em Bedford, Maine. Mas ela não deixa que lhe paguem por seus serviços.

“Tenho o dinheiro da aposentadoria. Quero que deem o que seria meu aos jovens que têm famílias”, ela explicou ao meu pai logo que começou a dirigir as ambulâncias. “Simplesmente, é o justo.”

A Vovó Betty é ultrajusta.

“Não sei ao certo o quão justo é pra você isso de ficar presa com uma velha simplória como eu”, comenta Betty enquanto vai dirigindo pela Route LA em direção a Bedford.

Encolho os ombros porque não quero falar disso.

A Vovó Betty percebe. “As folhas são bonitas, não?”

Esse é o jeito dela de permitir que eu não fale a respeito.

“Com certeza, são sim”, digo eu, concordando com ela. Passamos por todas as árvores que estão mudando de cor. É a última linha de resistência, sei disso. Logo estarão desfolhadas e parecendo mortas. Elas são belas, no entanto, mal se sustentam nos ramos das árvores, as folhas. Vão acabar caindo, e isso vai ser logo. Muitas já caíram. Vão apodrecer no solo, serão recolhidas, queimadas, vão pisar nelas. Não é fácil ser uma folha na Nova Inglaterra.

Estremeço de novo.

“Você sabe que todos nós apenas nos preocupamos com você?”

Eu me encolho: é tudo que posso me forçar a fazer.

Betty liga o aquecedor e ele solta uma rajada quente no meu rosto. Ela ri. “Você parece uma modelo com o ventilador soprando os cabelos pra que fique com aquele ar bem sexy.”

“Quem me dera”, eu falo, bem baixinho.

“Você vai se adaptar ao frio.”

“É que aqui é tão diferente de Charleston, tão frio e desolador...” Coloco minha cabeça entre as mãos, e então percebo o quão melodramática estou sendo. “Me desculpa. Estou sendo tão chorona, tão reclamona.”

“Você tem o direito de ficar chorona e reclamona.”

“Não, não tenho não. Odeio isso. Não tenho nada do que ficar me lamentando, principalmente, não pra você. É só que a terra aqui no Maine não é nem um pouco viva ou exuberante. Parece que o estado inteiro está se preparando pra ser enterrado debaixo da neve no inverno – como se fosse uma temporada de morte. Parece que até mesmo a grama já desistiu.

Ela ri e faz uma voz sinistra. “E as árvores. Elas ficam lá, juntinhas, e não se consegue ver ao longe, e não dá pra ver o que tem no solo, escondendo-se nas samambaias, ou atrás dos troncos das árvores, nos arbustos.”

Pressiono minha mão contra o vidro frio da janela. Deixo ali a marca da minha mão.

“Não é um filme de terror, Zara.” Ela sorri pra mim, pra que eu saiba que ela meio que solidariza comigo, mas também está me provocando. Betty é assim.

“Eu sei.”

“Mas o Maine é frio em comparação com Charleston mesmo. Você vai ter que se agasalhar aqui.”

“Tá.”

Cheimafobia.

“Você ainda está nessa de entoar os nomes das fobias?”

“Falei em voz alta?”

“Falou.” Ela tira a mão do volante e bate de levinho na minha perna, por um segundinho, antes de ajustar o aquecedor novamente. “Tenho uma teoria quanto a isso.”

“Tem?”

“Tenho sim. Acho que você é uma dessas pessoas que acreditam que, se puder dar um nome a algo, então pode superar tal coisa, vencê-la, e é isso que terá que fazer em relação à morte do seu pai. E sei que dói, Zara, mas...”

“Betty!” Vejo um cara alto, parado lá, na lateral da estrada, sem se mexer, apenas olhando fixo pra cá.

“Droga!”, ela grita. “Idiota!”

Ela está quase sem fôlego. Minhas mãos agarram o cinto de segurança. Ela respira fundo, várias vezes, e diz: “Não começa a falar que nem eu ou sua mãe vai me matar.”

Por fim eu consigo falar. “Você viu o cara?”

“É claro que vi. Maldito imbecil parado lá do lado da estrada. É bom que eu o tenha visto também, ou teria passado por cima dele.”

Fico com os olhos cravados nela, tentando entender o que está acontecendo. Então olho pra trás, mas passamos por uma curva, e mesmo se o homem alto ainda estivesse lá, eu não mais conseguiria vê-lo.

“Você viu mesmo o cara?”, eu quero saber.

“É claro que eu vi. Por que está me perguntando isso?”

“Você vai achar que sou idiota.”

“Quem disse que eu já não acho isso?” Ela ri, de forma que eu saiba que está brincando.

“Você é uma avó muito cruel.”

“Eu sei. Então, por que perguntou?”

Ela não é o tipo de pessoa que desiste, então tento não fazer com que pareça lá muito grande coisa. “É só que eu continuo achando que estou vendo esse cara em toda parte, esse cara alto, de cabelos escuros e pálido. Mas não podia ser ele.”

“Você viu esse cara em Charleston?”

Não digo nada, respondendo afirmativamente à pergunta dela com um movimento de cabeça. Gostaria que meus pés pudessem encostar no chão, assim eu não me sentiria tão idiota e pequena.

Ela pensa por um milésimo de segundo. “E agora você está vendo esse cara aqui?”

“Eu sei. É algo bobo e esquisito.”

“Não tem nada de bobo, doçura, mas com certeza é bem esquisito sim.” Ela buzina para uma outra caminhonete que está indo para o outro lado. “John Weaver. Ele constrói casas. É bombeiro voluntário, um cara bom, Zara, querida. Não quero assustar você, mas quero que fique em casa à noite, tudo bem? Sem ficar de boqueira por aí, nada de sair.”

“O quê?”

“Só faz a vontade de uma velha, vai.”

“Me diz qual é o motivo.”

“Um garoto desapareceu na semana passada. As pessoas estão preocupadas... achando que algo possa ter acontecido com ele.”

“Ele pode ter fugido, só isso.”

“Pode ser. Mas talvez não. Mas isso não é tudo. Olha, meu trabalho é está totalmente ligado a salvar as pessoas, certo? E sei que você está acostumada a treinar à noite em Charleston, mas não temos muitos postes de luz por aqui. Não quero ter que recolher os pedaços da minha própria neta na Beechland Road, entendeu?”

“Certamente.” Fico com os olhos fixos nas árvores e então começo a rir, porque tudo isso é tão ridículo! “Não estou mais correndo muito.”

“Você não está mais fazendo praticamente nada, pelo que ouvi falar.”

“É verdade.” Pego o fio que está enrolado no meu dedo. É de um tapete que meu pai comprou. Era branco antes, mas agora está cinza, meio sujo.

Estremeço. A Vovó Betty e eu conversamos sobre coisas triviais durante todo o restante da viagem, e tento explicar a ela o impacto da Guerra contra o Terror na questão dos direitos humanos no mundo todo. Mas não me esforço tanto assim, então ficamos caladas na maior parte do tempo.

Não me importo.

“Quase em casa”, ela me avisa. “Aposto que está cansada.”

“Um pouco.”

“Você parece cansada. Está pálida.”

A casa de Betty é uma grande casa de madeira pintada, no estilo das casinhas de lavrador, com telhado de cedro e um pórtico frontal. Parece aconchegante e quentinha, como se fosse uma toca escondida no meio do bosque gelado. Eu sei, pelo que minha mãe me contou, que a casa tem três quartos no andar de cima, e um no andar de baixo. A parte de dentro é feita de madeira e tijolo, com um pé direito alto na cozinha, e um fogão a lenha na sala de estar.

A primeira coisa que Betty faz quando estaciona a caminhonete na entrada é agitar a mão na direção do Subaru que está estacionado ali.

Meu queixo cai. Consigo dizer: “Ainda está com o adesivo de fábrica na janela.”

“É novinho em folha. Dirigir aqui no Maine não é nada fácil. Queria que você ficasse em segurança. E não posso ficar dirigindo, levando você pra todos os lados, como se fosse uma maldita duma motorista.”

“Você falou ‘maldita!’”

“Que nem um pescador. Melhor se acostumar.” Ela olha pra mim. “Que tal o carro?”

Envolvo-a com os braços e ela solta umas risadinhas, batendo de levinho nas minhas costas. “Não é grande coisa, fofura. Ainda está no meu nome, sabe? Nada demais.”

“É sim!” Dou um pulo pra fora da caminhonete e saio correndo até o carro, abraçando o metal gélido, coberto pela neve, até meus dedos ficarem duros, de tão congelados, e Betty me enxota de lá pra dentro da casa.

“Não mereço isso”, digo.

“Claro que merece.”

“Não, não mereço não.”

“Não me faz maldizer você. É só agradecer e acabar logo com isso.”

“Obrigada e pronto.”

Ela rosna. “Sua delinquentezinha!”

“Eu só... Eu amei, Betty.” Jogo meus braços em volta dela de novo. O carro é a primeira coisa boa que me aconteceu aqui no Maine. É a primeira coisa boa que aconteceu em um bom tempo.

É lógico que as pessoas nos países de terceiro mundo têm de guardar dinheiro a vida toda para comprar um carro, e aqui está o meu, logo ali, na entrada, esperando por mim. Minha cabeça está zonza.

“Eu não mereço isso, Betty”, eu repito, quando estamos lá dentro, no conforto da sala. Ela curva-se e começa a se preparar para acender o fogão a lenha, amassando papel, empilhando gravetinhos.

“Chega desse papinho, Zara”, diz ela. Suas costas fazem um estalido quando ela se levanta, o que me faz lembrar de sua idade avançada. É duro me lembrar disso. “Você merece muita coisa.”

“Mas tem gente morrendo de fome no mundo. Pessoas sem ter onde morar. Pessoas que...”

Ela levanta um dedo. "Você está certa. Não vou dizer que não está, mas só porque eles vivem sem isso, não quer dizer que você tenha de fazer o mesmo."

"Mas..."

"E também não quer dizer que você não possa usar o que tem para fazer com que as vidas das outras pessoas fiquem melhor." Ela tira o chapéu e passa as mãos pelos cabelos alaranjados, meio grisalhos, crespos e bagunçados. "Como você vai fazer algum trabalho voluntário sem um carro? Ou ir pra escola? Hein?"

Encolho os ombros.

"Porque eu sou uma mulher ocupada, Zara", ela continua. "Embora tenha mudado meu horário de trabalho, pra não ter chamadas noturnas. Vamos jantar juntas, seremos totalmente caseiras." Ela sorri um pouco e seu tom de voz fica mais ameno. "Você é igualzinha a ele!"

Ela está se referindo ao meu pai. Sinto um nó na garganta, mas consigo falar, bem baixinho: "Como?"

"Sempre tentando salvar o mundo. Sempre preocupados por terem muita coisa quando outros têm tão pouco", diz ela. "E sempre tentando se livrar de ter que ir pra escola."

Ela vem na minha direção, com passos pesados, e me dá um abraço rápido, seguido de um tapa no traseiro. Às vezes ela se comporta como se fosse um treinador de futebol americano.

Ligo para a minha mãe, mesmo não querendo realmente fazer isso.

"Cheguei", é o que eu digo a ela.

"Ah, querida. Estou feliz por você ter chegado aí em segurança. Como estão as coisas aí?"

"Frio."

“Parece muito o que me lembro do Maine.” Ela ri e então para de falar por um momento. Fico ouvindo o silêncio e então ela pergunta: “Ainda está com muita raiva de mim? ”

“Tô.”

“E para o seu próprio bem.”

“Certo. Você sabia que, na semana passada, desapareceu um garoto aqui?”

“O quê? Coloca sua avó no telefone, ok? Zara... eu amo você.”

Apono para Betty. “Ela quer falar com você.”

Então eu digo, ao telefone. “Amo você também.”

Betty pega o telefone de mim, cobre-o com a mão e diz: “Agora sobe lá pro seu quarto e se ajeita por lá. É a segunda porta à esquerda. Você tem de registrar esse carro amanhã lá na prefeitura. E começar a frequentar a escola. Primeira coisa a fazer. E nada de ficar andando de mau humor pela casa.

Concordo apenas com um movimento de cabeça, sem dizer nada. Vou subindo meio rápido, para inspecionar o meu quarto. Detendo-me um pouco na escadas, consigo discernir, do que Betty diz em tom de sussurro: “Com certeza ela não parece a mesma pessoa. Você tinha razão.”

Betty caminha a passos lentos pela sala e fixa o olhar em mim, ouvindo a conversa delas às escondidas. “Está escutando minha conversa com a sua mãe?”

Minha garganta fica apertada. Só consigo fazer que sim com a cabeça.

“Já pra cama, senhorita!”

Subo correndo os últimos lances da escada e me dirijo ao meu quarto. Com suas cortinas de renda e, na cama, uma colcha aconchegante, meu quarto também não parece tão ruim. As paredes são claras, e não são de madeira. Caixas com minhas roupas parecem formar uma trincheira, encostadas na parede. Tiro minha calça jeans e o casaco com capuz e pego o roupão de banho que está pendurado no

gancho atrás da porta. Tem um Z bordado no tecido felpudo azul bebê. Coloco-o em volta do meu corpo e, por um segundo, me sinto quase feliz. O banho morno, pra me livrar de toda aquela sujeira do aeroporto, me traz uma sensação incrível, mesmo com aqueles adesivos de patos de borracha por todo o piso. Eu me enxugo e volto para o meu quarto. A Vovó Betty deixa eu me ajeitar sozinha. Coloco até mesmo o pôster da Anistia Internacional na parede. É uma vela com arame farpado em volta – o símbolo da organização. Olho para a chama e quase me sinto (mas não realmente) confortável. Ela enfia a cabeça pela porta do meu quarto adentro na horinha em que estou colocando pra fora meus relatórios dos Direitos Internacionais.

“Está bem acomodada?”

“Tô. Obrigada por me acolher.” Deixo os relatórios em uma pilha, levanto-me, e sorrio para ela.

Ele me retribui o sorriso e fecha uma das persianas. “É uma honra passar algum tempo com minha única neta.”

Vou até a outra janela para fechar a persiana, mas quero olhar pra fora primeiro. Tenho de limpar o vapor frio da janela antes de poder fazê-lo. Só vejo árvores e a escuridão, escuridão e árvores. Abaixo a persiana. “Não quero mesmo ir pra escola amanhã.”

Ela vem e fica parada ao meu lado, em pé. “É claro que você não quer.”

“Na verdade, não quero mesmo fazer praticamente nada.”

“Eu sei, mas as coisas vão melhorar.” Ela bate com o quadril no meu e então me envolve os ombros com um dos braços, me dando um abraço meio de lado. “Você sempre pode rezar para que tenha neve.”

Retribuo o abraço dela. “Essa é uma ideia excelente! Eu bem que poderia fazer a dança da neve.”

Ela ri. “Seu pai ensinou isso a você?”

“Foi. Você joga um cubo de gelo no vaso sanitário e dança em volta, falando, em tom de cântico: ‘Neve. Neve. Neve.’”

“Até derreterem. Esse meu filho! Sinto falta dele, com certeza.” Ela se apoia em mim por um segundo, batendo de leve com suas mãos fortes nas minhas costas. “Mas estou feliz por ter você aqui pra me fazer companhia, sendo isso algo egoísta ou não. Agora, nada de preocupações. Você vai ficar bem, Zara. Vou me certificar de que fique bem.”

“Eu só não sei se estou preparada pra todo esse lance de ir à escola.” Eu me afasto dela, cruzando os braços sobre o peito.

Ela me dá um beijo na cabeça. “Você vai ficar bem, sim, princesa. E se alguém mexer com você, eles vão se ver comigo em pessoa, ok?”

Só de pensar na minha avó anciã salvadora de vidas socando alguém sem parar me faz rir, mesmo que eu tenha consciência de que não deveria rir de violência alguma.

“Estou falando sério, Zara. Se alguém mexer com você, me conta. Qualquer coisa que a assuste ou incomode, é só me falar. Essa é minha obrigação como avó. Tem que me deixar cumprir esse dever. Certo?”

Lá fora, a neve continua caindo por cima da caminhonete. Tremendo, olho nos olhos dela, cor de âmbar, como os de um gato montês. As pupilas parecem ficar um pouco dilatadas porque ela está falando sério. Ela está mesmo falando sério.

Seguro a mão dela. “Certo.”

O uivo me acorda no meio da noite.

É um ruído longo, repleto de pesar.

Sinto um calafrio e me endireito, sentando-me na cama.

Algo lá fora uiva novamente. O som não vem de muito longe.

Coiotes?

Ouço uma série de latidos agitados, e o uivo, mais um uivo. Lembro-me de um certo filme que vimos na aula de biologia da fauna selvagem, sobre como os coiotes se comportam quando pegam uma presa pra matar. Esse som que estou ouvindo é meio parecido com aquilo que foi mostrado no filme, mas não é exatamente como se fossem coiotes, algo num tom mais grave, talvez, como se fossem grandes cães ou lobos.

Caminho, sem fazer barulho, até a minha janela, puxo as cortinas e olho pra fora. A brancura cobre o gramado e meu carro. A lua reluz ao banhar tudo aquilo, fazendo com que a neve pareça feita de cristais ou diamantes... resplandecente, brilhante. É uma bela visão.

Eu expiro. Vinha prendendo a respiração? Por que eu faria tal coisa?

Porque estou pensando no meu pai.

Meu pai cresceu nesse lugar. E ele nunca mais verá essa neve, nem essa casa, nem a floresta, nem eu... outra vez. Está trancafiado em algum lugar longe de mim, da vida, um prisioneiro. Eu faria qualquer coisa para libertá-lo.

Faço pressão com a minha mão na moldura da janela. Algo se move, na beira do bosque, apenas uma sombra, na verdade, uma escuridão que parecia mais escura do que as árvores e seus galhos.

Inclino a cabeça e aperto os olhos para tentar enxergar melhor. Nada.

Então ela vem... aquela sensação. Aranhas imaginárias movendo-se rapidamente sobre a minha pele.

Tiro a mão da janela. A cortina se fecha, balançando. Volto para a minha cama na pontinha dos pés, o mais rápido que consigo, sem correr de verdade.

“Não é nada.”

O problema com a mentira... é que fica difícil mentir pra si mesmo e realmente acreditar. É muito mais fácil simplesmente entoar os cânticos das fobias, encarar a realidade, e seguir meu caminho, mas não consigo fazer isso. Não ainda.